

Representações de tradutores e intérpretes em obras de ficção¹

Ana Luisa Araujo de Souza* e Marcia A. P. Martins**

Apresentação

Ao longo da história, as traduções tiveram papel fundamental na comunicação humana e na apreciação das manifestações artísticas. A tradução é um fenômeno onipresente no mundo, tendo suas primeiras evidências sido observadas há mais de cinco mil anos, mais precisamente a partir de 3.000 a.C., no Egito Antigo, onde foram encontradas inscrições em duas línguas. No II milênio a.C., na Ásia Menor, assírios, babilônios e hititas traduziam a correspondência oficial dos estados. Tratava-se de escribas especializados na tradução de comunicados oficiais em várias línguas; parte do seu trabalho consistia na compilação, em tábulas escritas em caracteres cuneiformes, de listas de palavras com os significados correspondentes. Entre os séculos III e I a.C. houve o primeiro grande projeto de tradução de um conjunto de textos: a Septuaginta, a bíblia hebraica, foi traduzida para o grego por 72 sábios helenistas em Alexandria, durante o reinado de Ptolomeu II Filadelfo, que governou o Egito de 284 a 247 a.C. A partir do século III a.C., na Roma Antiga, iniciou-

¹ Este artigo apresenta alguns resultados do projeto de pesquisa “Representações de tradutores e intérpretes na literatura e nas artes”, desenvolvido de 08/2020 a 07/2021 com a participação de bolsista de Iniciação Científica (PIBIC-CNPq).

* Licenciada em Letras – Português-Inglês pela PUC-Rio

** Pesquisadora independente

Submetido em 24/10/2022

Aceito em 03/04/2023

se o primeiro grande movimento tradutório, com a assimilação da língua, literatura, cultura e religião gregas pelos romanos (NEWMARK, 1982, p. 3; FURLAN, 2001). O primeiro tradutor literário europeu conhecido é Lívio Andrônico, escravo grego alforriado que traduziu a *Odisseia* para o latim em 250 a.C. Desde então, a tradução e a interpretação – entendida como tradução oral – têm sido amplamente praticadas em diversas modalidades, que não cessam de se expandir, e com diferentes funções, como enriquecer a língua e a literatura vernáculas, ensinar/disseminar conhecimento, evangelizar, transferir tecnologia, afirmar a soberania de países não hegemônicos, valorizar e fortalecer línguas jovens ou em extinção, garantir inclusão e acessibilidade, servir de meio de comunicação e entendimento, além de outros tantos exemplos.

Não é de admirar, portanto, que a tradução e a interpretação constituam um tema recorrente sobretudo na literatura e no cinema, mas também na pintura e na fotografia, e ainda mais intensamente nos últimos tempos, diante do papel crucial dessas atividades em um mundo globalizado e em constante mutação, como reconhece Klaus Kaindl em seu texto “Fictional Representations of Translators and Interpreters” (2016). No entanto, por mais relevante que seja esse papel, tradutores² e intérpretes permanecem, em grande parte, praticamente invisíveis nas resenhas e capas de livro, por exemplo, e pouco valorizados pelo público em geral. Tal constatação gerou a proposta deste trabalho, com vistas a verificar como esses profissionais são representados em obras literárias e cinematográficas

² Estudos historiográficos e bases de dados de associações estrangeiras e nacionais, como a Associação Brasileira de Tradutores e Intérpretes – Abrates, demonstram que a tradução e a interpretação vêm sendo praticadas globalmente, com igual competência, por homens e mulheres, estas merecendo, portanto, o mesmo destaque nas formas da língua portuguesa. Entretanto, visando não sobrecarregar o texto com formas como “tradutor/a” ou “tradutores/as”, e diante da necessidade de prever dupla concordância para todos os artigos, adjetivos, pronomes e numerais que poderão acompanhar tais vocábulos, optamos por usar o genérico masculino.

e, consequentemente, que imagem(ns) da atividade e de seus praticantes tais obras criam junto à sociedade. Para tanto, foi selecionado um corpus constituído de dois filmes longa-metragem e dois livros, apresentados mais adiante, que tematizam atividades de tradução oral ou escrita e têm tradutores ou intérpretes como protagonistas.³ Nossa análise buscou observar, nessas representações: (i) aspectos operacionais da atividade tradutória e de interpretação; (ii) visões e crenças sobre tradução e interpretação, em termos conceituais, por parte dos personagens das obras analisadas, inclusive os próprios tradutores e intérpretes; (iii) percepções sobre a necessidade (ou não) de formação específica para realizar a atividade; (iv) os requisitos valorizados e considerados necessários para um bom desempenho profissional; (v) a autoimagem e a imagem pública dos tradutores e intérpretes tal como imaginadas pelos autores e roteiristas das obras do corpus; (vi) o status social, profissional e econômico dos tradutores e intérpretes representados; (vii) decisões tomadas pelos personagens em situações que envolvem o exercício de sua profissão; (viii) a atitude dos tradutores e intérpretes diante de situações de perigo, conflito, trauma ou estresse de algum tipo; e (ix) questões de ética profissional por parte de tradutores e intérpretes, inclusive com respeito a noções como fidelidade e lealdade, e questões ideológicas, morais, religiosas, afetivas e outras igualmente sensíveis que criem algum tipo de dilema.

A invisibilidade dos tradutores (e da tradução), denunciada pelo teórico estadunidense Lawrence Venuti (2008), se dá em várias frentes. No campo editorial, por exemplo, seus nomes são informados em letras

³ Neste trabalho, embora deixando explícito que tradução escrita e interpretação, aqui entendida como tradução oral, são duas modalidades bem distintas, ocasionalmente usamos os termos “tradução” e “tradutor/a” para se referir a profissionais de ambas as modalidades.

diminutas na parte interna dos livros (na página de expediente, ficha catalográfica ou frontispício), sendo raros os casos em que aparecem indicados na capa; igualmente incomum é a presença de paratextos de sua autoria (prefácios/posfácios, notas de pé de página, glossários e outros), dentre outros motivos porque o leitor de traduções muitas vezes prefere não ser lembrado de que o texto que tem em mãos não é o original estrangeiro. No campo das traduções técnicas, não é praxe identificar-se o tradutor, e quando isso é feito, geralmente trata-se de uma empresa prestadora de serviços de tradução. Nos produtos audiovisuais, os nomes dos responsáveis pela tradução (seja pessoa física ou jurídica) passaram recentemente a aparecer nos créditos finais, mas essa prática é intermitente. Para a sociedade em geral, incluindo aí o público leitor, os tradutores também ficam ocultos, como evidenciam as raras menções a seu trabalho nas resenhas de livros traduzidos e a sua ausência conspícua nas atividades promovidas em eventos como a Bienal do Livro e a FLIP. Vale notar também que muito comumente as pessoas que querem citar um autor estrangeiro, e o fazem em português, com base em alguma tradução, se esquecem de informar o nome do tradutor. William Shakespeare é um caso emblemático, uma vez que são inúmeras as citações em português de suas obras feitas em entrevistas, matérias jornalísticas e outros produtos nos quais a autoria da tradução não é identificada.

O mesmo ocorre com os intérpretes, que podem estar escondidos em cabines na modalidade simultânea, apenas uma voz que se faz presente no fone de ouvido; ao lado de uma ou mais palestrantes na modalidade consecutiva; ou quer ao lado, quer atrás de uma pessoa, na modalidade sussurrada. Mas mesmo quando se encontram em evidência, como em um palco, ao lado dos conferencistas, eles não são apresentados ao público,

tampouco seus nomes são mencionados. Uma exceção a esse posicionamento discreto são os intérpretes de Libras, devido às características da modalidade. A presença de tradutores e intérpretes em filmes e livros, e também o modo como aparecem em ilustrações e fotos, sem dúvida contribui para torná-los mais visíveis e para construir ou reproduzir imagens públicas da profissão. Klaus Kaindl (2016) argumenta que romances e filmes, mesmo quando se relacionam remotamente com a realidade, têm grande impacto na sociedade devido ao seu alcance e popularidade. O filme *A intérprete* (2005), por exemplo, protagonizado por Nicole Kidman, talvez tenha influenciado muito mais a visão do público sobre esses profissionais do que qualquer pesquisa acadêmica (KAINDL, 2016, p. 73). Essas representações ficcionais, embora subjetivas, interessam, portanto, aos Estudos da Tradução e da Interpretação na medida em que ajudam no entendimento teórico dos fenômenos tradutórios, assim como na avaliação de como a tradução oral e escrita, bem como seus praticantes, se inserem na sociedade e por ela são percebidos. Como observa Kaindl (2016), o modo como tradutores (e intérpretes) são representados em produtos ficcionais ou imagéticos revelam ideias, clichês e estereótipos referentes à tradução e à interpretação que existem em uma dada sociedade, podendo, consequentemente, servir de fonte para o estudo de teorias populares (ou seja, que representam o senso comum) acerca dessas atividades. Para Michael Cronin (2009), em contextos de formação de tradutores e pesquisadores a representação de tradutores e intérpretes em filmes constitui um recurso intertextual muito útil para provocar debates sobre questões envolvendo fidelidade, intraduzibilidade, invisibilidade e estratégias tradutórias, dentre outras. Uma outra perspectiva consiste na análise da influência que as representações ficcionais da tradução e

interpretação podem ter no modo como essas atividades são desenvolvidas em uma sociedade, abrindo mais um caminho de pesquisa, que é a interação entre representações ficcionais e a prática tradutória *de facto*.

A análise das imagens de tradutores e intérpretes nas obras do corpus toma como parâmetro as crenças do senso comum com relação à tradução, as quais por sua vez decorrem de uma visão de mundo, de linguagem e de leitura de inspiração essencialista. Conforme descreve Rosemary Arrojo (1992), trata-se de uma concepção cartesiana de linguagem que entende o processo tradutório “em termos de uma substituição ou transferência de significados estáveis de um texto para outro e de uma língua para outra” (p. 101). Consequentemente, é esperado que o tradutor profissional seja capaz de realizar qualquer tradução, em qualquer contexto e em qualquer circunstância, uma vez que as palavras são vistas como receptáculos do pensamento, a ser extraído e acondicionado em palavras de outra língua. No entanto, como dificilmente uma tradução consegue preservar intactos os significados, quer de um texto, independentemente do seu gênero e função, quer de um autor, acaba sendo considerada falha, um simulacro, até mesmo uma traição ao texto originário, como revela o popular adágio “traduttore, traditore”.

Segundo Schopenhauer (1788-1860), “não se encontra para cada palavra de uma língua um equivalente exato em cada uma das demais línguas”, e é nesse fato que ele vê o motivo da “deficiência inevitável de todas as traduções” (HEIDERMAN, 2001, p. 9). Percepções como essas, embora fundadas sobre visões de língua e de mundo diferentes das vigentes hoje em dia, pelo menos no meio acadêmico, contribuíram fortemente para cristalizar a ideia de tradução como “perda”, “falta”, tarefa sisifeana inevitavelmente condenada ao fracasso. O tradutor, por sua vez, é

desvalorizado, não só por exercer um trabalho entendido como mecânico, que não exige outras aptidões além do conhecimento das línguas envolvidas, mas também porque a expectativa de fidelidade absoluta ao original é impossível de se realizar, gerando frustração tanto nos leitores quanto nos próprios tradutores. A tradição, diz Arrojo, tem sido “inclemente em relação à atividade do tradutor, atribuindo-lhe, frequentemente, um caráter de precariedade, de remendo, de ‘mal necessário’, em oposição a um ‘original’ sempre pleno e completo em si mesmo” (1992a, p. 72).

Teorizando a invisibilidade, as representações ficcionais de tradutores e intérpretes, e a virada ficcional nos Estudos da Tradução

O corpus selecionado para o nosso estudo compõe-se de dois romances, *A tradutora*, de Cristovão Tezza (Record, 2016), e *A intérprete*, de Annette Hess, publicado originalmente em língua alemã (*Deutsches Haus*, Ullstein Burchverlage, 2018) e traduzido para o português por Ivo Korytowski (Arqueiro, 2019); e dois longa-metragens, *Como nossos pais*, dirigido por Laís Bodanzky (Brasil, 2017), e *Un Traductor* [O Tradutor], dirigido por Sebastián Barriuso e Rodrigo Barriuso (Cuba e Canadá, 2018). A análise das obras fundamentou-se em conceitos e abordagens desenvolvidos por estudiosos da tradução, com destaque para Lawrence Venuti (2008), crítico da invisibilidade do tradutor e da tradução no estágio atual das culturas estadunidense e britânica; Klaus Kaindl (2016) e Michael Cronin (2009), que desenvolvem estudos sobre representações ficcionais de tradutores e intérpretes; Rosemary Arrojo (2018) e Nitsa Ben-Ari (2010), para quem as obras ficcionais podem gerar excelentes *insights* para os Estudos da Tradução ao iluminar aspectos da atividade que a literatura acadêmica não

costuma abordar; e Dirk Delabastita e Rainer Grutman (2005), organizadores de uma coletânea que explora as interfaces entre multilinguismo e tradução. A seguir, apresentaremos sucintamente esses conceitos e abordagens, nos quais o estudo aqui apresentado se fundamenta.

Lawrence Venuti (2008, p. 1) utiliza o termo “invisibilidade” para descrever a situação tanto dos tradutores quanto a da atividade da tradução. Observa ele que

[u]m texto traduzido, seja em prosa ou poesia, ficção ou não ficção, é considerado aceitável pela maioria dos editores, resenhistas e leitores quando é fluente, quando a ausência de quaisquer peculiaridades linguísticas e estilísticas os faz parecer transparentes, aparentando refletir a personalidade ou intenção do autor estrangeiro ou mesmo o significado essencial do texto estrangeiro – em outras palavras, dando a ideia de que a tradução não é, de fato, uma tradução, mas sim o “original”.^{4 5}

Os leitores também contribuem para a ocorrência desse efeito ilusório de transparência, devido à tendência generalizada de dar mais importância ao sentido do que à forma do texto traduzido e de questionar qualquer linguagem que possa interferir na direta comunicação das supostas intenções do autor estrangeiro (VENUTI, 2008, p. 1). Como relata Venuti, a estratégia da fluência gera um efeito de transparência, que esconde as numerosas condições em que a tradução é feita, a começar pela crucial intervenção do tradutor (p. 1). Quanto mais o tradutor se preocupar em utilizar estratégias para atingir essa fluência, ou seja, uma leitura de fácil compreensão, com vocabulário familiar e uma sintaxe contínua

⁴ “A translated text, whether prose or poetry, fiction or nonfiction, is judged acceptable by most publishers, reviewers and readers when it reads fluently, when the absence of any linguistic or stylistic peculiarities makes it seem transparent, giving the appearance that it reflects the foreign writer’s personality or intention or the essential meaning of the foreign text – the appearance, in other words, that the translation is not in fact a translation, but the ‘original’.”

⁵ A tradução desta citação, assim como as demais nas quais não houver indicação do tradutor, são de nossa autoria.

(coerente), fazendo o texto soar o mais “natural” possível, mais invisível será o processo de tradução. As consequências de tais circunstâncias podem ser variadas: é frequente, por exemplo, que traduções não sejam assinadas, que não apresentem o nome do tradutor, ou que esse nome não esteja em destaque. Em *The Translator’s Invisibility – A History of Translation*, Venuti nos apresenta vários exemplos de resenhas e comentários sobre obras literárias em jornais de língua inglesa que raramente se referem à tradução (2008, p. 2).

Outro fator que contribui para a invisibilidade do tradutor é o conceito individualista de autoria, segundo o qual o fruto do trabalho de um escritor é visto como “uma autorrepresentação original e transparente, sem a mediação de determinantes transindividuais (linguísticos, culturais, sociais) que poderiam afetar a originalidade da criação autoral” (VENUTI, 2008, p. 6), enquanto a tradução é vista como uma representação derivada e de segunda ordem. Tal percepção, como já mencionado, leva à desvalorização da tradução e do tradutor.

Em relação à vida profissional dos tradutores, aqueles que atuam nos mercados estadunidense e britânico em geral são, segundo Venuti, mal remunerados – situação observada em muitos outros mercados pelo mundo afora –, o que os leva a trabalhar em outras áreas além da tradução e/ou a aceitar vários projetos tradutórios ao mesmo tempo (2008, p. 10). Os intérpretes, por sua vez, são menos atingidos por essas circunstâncias; seu trabalho é geralmente considerado bem remunerado⁶, e suas associações de classe costumam ter maior combatividade.

⁶ No Brasil, é possível comprovar, pelos valores de referência para serviços de tradução e interpretação de conferências divulgados pelo SINTRA – Sindicato Nacional dos Tradutores, que o trabalho de interpretação alcança valores considerados satisfatórios e/ou suficientes.

As reflexões de Venuti apresentadas acima são instrumentais para subsidiar uma análise de como os tradutores e a própria tradução são representados na ficção. A invisibilidade desses profissionais pode ser percebida nas obras do corpus selecionado para este estudo, bem como aspectos operacionais da tradução, bastante frequentes sobretudo no romance *A tradutora*; o papel do profissional de tradução/interpretação em situações de discriminação étnica e confrontos políticos, como no livro de Annette Hess, *A intérprete*; e questões relacionadas à remuneração pela atividade.

Por sua vez, para Klaus Kaindl, em “Fictional Representations of Translators and Interpreters”, texto citado anteriormente, a presença de tradutores e intérpretes em filmes e em romances contribui para aumentar a visibilidade desses profissionais e seu trabalho (2016, p. 72). Tal presença pode impactar a sua imagem pública, o que justifica que essas representações se tornem objeto de estudo para os Estudos da Tradução e da Interpretação; elas podem ampliar o entendimento teórico dos fenômenos tradutórios e a compreensão de como a tradução, os tradutores e os intérpretes são vistos e inseridos na sociedade, além de mostrar como a construção de tais personagens corrobora visões consideradas ultrapassadas nos estudos acadêmicos, mas ainda em forte circulação no senso comum.

Representações ficcionais podem nos apresentar perspectivas diferentes da realidade, porém a ficção pode evidenciar ideias, clichês e estereótipos relacionados à tradução e interpretação que estão presentes na sociedade e que podem ser difíceis de identificar por outros meios de análise. Kaindl (2016) ainda argumenta que, mesmo quando essas

representações são vagamente relacionadas à realidade, ainda assim provocam um grande impacto na sociedade devido a sua popularidade.

Michael Cronin, em *Translation Goes to the Movies* (2009), também analisa a representação de tradutores, especificamente em produções cinematográficas, reiterando a visibilidade decorrente de representações dessa mídia, tão focada na visibilidade. Ele entende o tradutor não somente como um agente nas narrativas, mas também como objeto de representação. Segundo ele, a análise de como essa profissão é retratada no cinema pode ser integrada ao ensino e aprendizagem da tradução.

Os estudos de Kaindl e Cronin ajudam a analisar as representações de tradutores e intérpretes em produtos literários e artísticos, e a compreender como elas permitem identificar tanto as concepções relacionadas à tradução e interpretação que circulam em uma sociedade quanto o impacto que tais representações podem ter no imaginário do público.

A virada ficcional nos Estudos da Tradução, tendência fortalecida a partir do início deste século segundo a qual as obras literárias podem – e devem – ser usadas para se teorizar a tradução, ocupa um lugar central nas reflexões de Rosemary Arrojo e Nitsa Ben-Ari desenvolvidas, respectivamente, no livro *Fictional Translators: Rethinking Translation Through Literature* (2018) e no artigo “Representations of Translators in Popular Culture” (2010). Segundo Arrojo, representações ficcionais do trabalho de tradutores podem “lançar uma luz especial e, por vezes, inesperada sobre a tradução como um encontro assimétrico entre línguas, interesses e perspectivas diferentes”⁷ (2018, p. 1). Alinhada com as

⁷ “fictional representations of the work of translators will shine a special, often unexpected light on the scene of translation as an asymmetrical encounter between different languages, interests, and perspectives.”

propostas de Michael Cronin, considera que o exame de personagens tradutores (e intérpretes) e de suas relações com textos e autores permite refletir sobre diversas questões diretamente associadas à atividade tradutória, como equivalência, (in)fidelidade, identidade, intraduzibilidade e invisibilidade, a partir de mídias como filmes e textos literários. Em seu livro, Arrojo analisa diversas obras considerando a visibilidade dos personagens, a criatividade do tradutor, seu papel transformador, a complexidade e o lugar da diferença na tradução, ética e imparcialidade. A teórica observa, por exemplo, não conhecer textos acadêmicos sobre a (in)visibilidade do tradutor que sejam mais eloquentes, convincentes ou tocantes do que algumas das tramas ficcionais que analisou (ARROJO, 2018, p. 4).

Para Nitsa Ben-Ari, a chamada virada ficcional nos Estudos da Tradução reconheceu que tradutores e intérpretes saíram dos bastidores para ocupar a ribalta (BEN-ARI, 2010, p. 220). Não importa se em decorrência de estudos pós-estruturalistas ou pós-coloniais, diz ela, a realidade é que esses profissionais agora figuram como protagonistas em filmes, peças teatrais e textos literários (p. 220). Talvez já um pouco tarde, a seu ver, um grande número de pesquisadores em tradução passou a se interessar pela representação de tradutores na cultura popular (p. 221). Partindo de tal premissa, reuniu um corpus de centenas de textos publicados dos anos 1970 ao início do século XXI visando “investigar, a partir de uma perspectiva sincrônica, se a passagem para o centro do palco corresponde a uma melhora na representação popular de tradutores/intérpretes, e por um viés diacrônico, até que ponto essa

representação mudou ao longo do tempo”⁸ (p. 222). Dentre suas conclusões, observou que, contradizendo a nova posição de destaque, tradutores e intérpretes continuam a ser retratados negativamente na maioria das vezes, e nenhum protagonista ficcional do corpus examinado está satisfeito com a profissão que exerce.

Tais fatores – o modo como os tradutores e intérpretes são representados, o status desses personagens nas obras, se estas apresentam positivamente o trabalho da tradução ou se os profissionais são retratados como insatisfeitos, como podemos ver no filme *Como Nossos Pais* – foram analisados nas obras do corpus reunido para este estudo.

Por fim, as reflexões de Delabastita e Grutman sobre representações ficcionais do multilinguismo e da tradução também contribuíram para iluminar as questões abordadas aqui. Na Introdução ao volume *Fictional Representations of Multilingualism and Translation*, os dois estudiosos observam que

as representações ficcionais do multilinguismo, de um lado, e da tradução, de outro, acabam por nos trazer de volta a uma realidade comum, ou seja, se entendermos “tradução” não apenas como uma operação abstrata ou “técnica” entre palavras e frases, mas como eventos culturais que ocorrem – ou que, significativamente, não ocorrem – entre pessoas e sociedades no mundo real.⁹ (DELABASTITA; GRUTMAN, 2005, p. 14)

Representações ficcionais podem envolver questões como confiança, fidelidade, invisibilidade, ambição autoral, intraduzibilidade, trauma, identidade e o impacto emocional e experiencial que pode afetar pessoas e

⁸ “to determine — synchronically — whether the move to center stage corresponds with a major improvement in the popular portrayal of translators/interpreters, and — diachronically — to what extent the portrayal has changed with time.”

⁹ “fictional representations of multilingualism on the one hand, and of translation on the other, ultimately lead us back to a common reality, that is, if we understand ‘translation’ not just as an abstract or ‘technical’ operation between words and sentences, but as cultural events occurring, or significantly not occurring, between people and societies in the real world.”



comunidades. A tradução pode ter um lugar central na resolução de conflitos em histórias, tendo valor tanto cultural quanto simbólico, e o personagem pode ser representado quer como protagonista, quer como antagonista, ou mesmo como adjuvante. O poder do tradutor de “fazer a diferença” pode ter uma dimensão importante, chegando até a levar os personagens a terem momentos heroicos, a serem protagonistas em momentos decisivos, muitas vezes em histórias que nos apresentam situações reais (DELABASTITA; GRUTMAN, 2005, p. 22). Nessas narrativas, a tradução e o multilinguismo estão mais relacionados à identidade do personagem individualmente do que à perspectiva histórica da sua identidade profissional. No romance *A tradutora*, que integra o corpus deste estudo, há trechos multilíngues, quando são mostrados fragmentos do texto que a personagem principal está traduzindo, juntamente com as soluções tradutórias que ela propõe para eles. Entre outros fatores abordados nos estudos de Delabastita e Grutman que foram relevantes para a análise podemos mencionar a responsabilidade dos tradutores para com seu trabalho, a posição central do tradutor no enredo, e o fato de que muitas vezes os personagens tradutores e intérpretes são apresentados em momentos históricos reais, como podemos ver em *A intérprete*, com sua protagonista que trabalha nos julgamentos do campo de concentração de Auschwitz; em *O tradutor*, cujo personagem principal atua como intérprete em Cuba junto a pacientes que sofreram consequências do acidente de Chernobyl; e também em *A tradutora*, com o contexto da Copa do Mundo de 2014 no Brasil.

Passaremos agora à análise do corpus, que levou em conta os aspectos elencados no início deste texto e foi feita a partir de uma metodologia qualitativa, na qual cada obra foi examinada individualmente

e, posteriormente, comparada com as demais, a fim de verificar como os tradutores/intérpretes são representados e de avaliar se essas imagens retratam o que de fato acontece no mundo da tradução ou se acabam por perpetuar clichês já anacrônicos a respeito do modo como esses profissionais atuam.

Tradutores e intérpretes na ficção

1. *A tradutora*, de Cristóvão Tezza

Em *A tradutora*, romance escrito por Cristóvão Tezza (Record, 2016), somos apresentados à protagonista Beatriz, uma tradutora na faixa dos trinta anos, que está traduzindo um texto do fictício autor catalão Felip Xaveste, um filósofo conservador. A narrativa apresentada transcorre em poucos dias, e nos mostra não somente os questionamentos de Beatriz em relação ao trabalho de tradução que está realizando e suas preocupações profissionais, como também o relacionamento com seu namorado e com seu editor. Em meio a esse trabalho de tradução, ela recebe um convite para atuar como intérprete para um executivo da FIFA que vem ao Brasil, numa visita preparatória para a Copa do Mundo de 2014.

Ao longo do romance, vários aspectos operacionais da tradução são representados. Pelo ponto de vista de Beatriz, vemos sua preocupação com possíveis atrasos no seu trabalho de tradução, bem como dúvidas que tem em relação não só à grafia de nomes estrangeiros, perceptíveis em suas anotações – “Foucou Foucault, Bur Bourdieu” (TEZZA, 2016, p. 9) –, mas também terminológicas, como “excavación”. A personagem se preocupa, por exemplo, com o tamanho das frases na tradução; com o grau de intervenção aceitável no texto, de modo a permitir o enxugamento de

períodos longos para facilitar a compreensão; com características estilísticas do material que está traduzindo, no caso “um espanhol barroco, florido e retumbante” (p. 9), buscando captar o tom de Xaveste em português. Ela tem estratégias para facilitar a revisão, como marcar as palavras sobre as quais ainda quer refletir com dois pontos de interrogação, para conseguir localizá-los com facilidade. Ela comenta sobre sua certeza de que, no caso de Xaveste, a revisão será mais trabalhosa do que a tradução em si. Ao longo de toda a trama, os pensamentos de Beatriz se voltam para o texto que está traduzindo, relacionando-o a situações que está vivendo, e mencionando aspectos operacionais da tradução. No final, ela se sente satisfeita com sua tradução ao avaliá-la por sua sonoridade e fidelidade (2016, p. 189).

A narrativa também apresenta indícios sobre visões e crenças sobre tradução e interpretação. Ao mostrar uma tradutora aceitando atuar como intérprete mesmo sem experiência ou formação para tal, aproxima as atividades de tradução e interpretação. Beatriz recebe uma proposta de trabalho no campo da interpretação, fica surpresa e decide não mencionar que não se considera “exatamente uma intérprete”, pois nunca tinha feito tradução simultânea ou trabalhado com traduções orais – segundo ela, “a câmara de horrores dos tradutores, aquilo é uma tortura” (2016, p. 30). Ou seja, o romance retrata não só uma tradutora sem o preparo profissional para trabalhar como intérprete, como também um cliente que a contrata mesmo ciente dessa falta de preparo, fato que, conforme ele argumenta, não será um problema, por se tratar de um trabalho de “intérprete, mas informal, quer dizer, do dia a dia” (p. 30). Ao apresentar a visão de que um profissional da tradução escrita experiente pode atuar na tradução oral sem a formação adequada, o romance reforça um discurso cristalizado de que é

possível improvisar em uma modalidade de tradução quando se domina alguma outra, além de não considerar os requisitos valorizados e tidos como necessários para um bom desempenho profissional na interpretação.

Igualmente ilustrativo da concepção de tradução implícita no romance é um diálogo muito interessante no qual o executivo da FIFA para quem Beatriz está trabalhando pergunta a ela sobre sua opinião sobre a entidade. “*Como assim?! Eu não penso nada, não devo pensar nada, sou apenas uma intérprete (...) alguém que recolhe uma palavra escura de um lado e leva-a com cuidado para outro lado, agora brevemente iluminada*” (2016, p. 87). Ou seja, o texto traz informações contraditórias. Considerando-se o processo de trabalho da tradutora, conforme descrito no romance, pode-se depreender que a tradução envolve reflexão e transformação, não se tratando de uma substituição mecânica de palavras, como ainda crê o senso comum. Tal fato pode ser visto nas marcações em seu texto, como os dois pontos de interrogação mencionados, que sinalizam soluções tradutórias que ainda necessitam de maior reflexão (p. 15). Na fala reproduzida acima, porém, vemos a personagem afirmando o contrário, e em outro momento, bem mais adiante, ela diz que poucas vezes “parou a tradução para realmente pensar nas palavras que transcrevia em português” (p. 110).

Também são abordados na obra de Tezza outros aspectos que integram nosso rol de questões a serem discutidas, como a autoimagem dos tradutores e um suposto compromisso com a neutralidade: se no início Beatriz pensa que “não é exatamente uma intérprete”, ela diz pouco tempo depois que é “apenas uma intérprete”, portanto deveria ser neutra e não externar suas opiniões. Segundo ela, o “mundo das opiniões” é irrelevante para quem traduz (2016, p. 38): “tradutor não pensa, tradutor traduz”

(2016, p. 192). Beatriz é construída no romance como uma boa profissional, no sentido de que cumpre satisfatoriamente suas tarefas, mas com ideias a respeito de sua atividade bastante questionáveis nos tempos atuais, pelo menos no âmbito de cursos de formação de tradutores com uma perspectiva crítica. De um tradutor que considera que sua função não é pensar, apenas traduzir, é lícito esperar um desempenho sofrível (já que não pensa), mas não é este o caso de Beatriz, e certamente há outros casos “na vida real” parecidos. Podemos supor, então, que como Beatriz na ficção, os tradutores reais também pensem assim; o que é tomado pela personagem ficcional também comparece no tradutor “real”, pois “apenas traduzir” envolve processos de tomada de decisão, como apontam a prática e a teoria da tradução (ver VENUTI, 2008 e ARROJO, 1992a, por exemplo). O que para parte dos tradutores, assim como do público leitor, é “apenas traduzir”, envolve reflexão e crítica; caso contrário, dificilmente o resultado desse trabalho seria apreciado.

Sobre o status social, profissional e econômico, a protagonista menciona em vários momentos que precisa trabalhar, que aceita qualquer tarefa, que se preocupa com suas traduções boas, mas que não vendem. Ela calcula o quanto ganha por lauda, e quantas laudas precisa traduzir por dia. A tradutora do romance de Tezza, conforme construída por esse autor, parece confirmar, portanto, a baixa remuneração desses profissionais denunciada por Venuti (2008). No entanto, Beatriz, descrita como uma tradutora novata, recebe uma remuneração bastante elevada diante de sua pouca experiência, o que não soa muito compatível com a realidade: “o preço da lauda era surpreendentemente bom para uma tradutora novata, 32 reais” (TEZZA, 2016, p. 11).

Venuti também ressalta que os tradutores, para complementar a renda, acabam aceitando trabalhos que não são exatamente de tradução. Este é o caso de Beatriz: além de estar aberta a atuar como intérprete, também dá aulas e faz revisões. Chega a dizer que se sente uma “máquina de aulas particulares, produzir e revisar textos” (2016, p.12). Igualmente relevante é o fato de que a protagonista não quer ser somente tradutora; ela demonstra ter o sonho de ser escritora, assim como nas obras analisadas por Ben-Ari (2010). Tal desejo é inicialmente mencionado algumas vezes de forma vaga, até que ela revela explicitamente essa vontade de escrever: “além de tradutora, eu queria ser escritora” (TEZZA, 2016, p. 163).

Ao receber a proposta para trabalhar como intérprete, considera “dar uma desculpa” e não concluir o trabalho de tradução do livro que realizava, pois não estava gostando desse trabalho. Achava o texto difícil, com frases muito longas, e tinha dificuldades em traduzir diretamente de um livro físico, em vez de trabalhar a partir de um documento no formato PDF ou impresso. Beatriz também considera essa tradução do livro de Xaveste um “prêmio de iniciação a traduções de prestígio”, diferentemente, portanto, das traduções anteriores que fez, de textos que não valorizava e que, por isso, assinou com um pseudônimo. E no que é um vislumbre da gratificação que a atividade tradutória pode trazer, há passagens como “[Beatriz] releu o parágrafo, gostando da tradução e, defensivamente, de si mesma – está uma tradução fiel e sonora, concluiu, feliz” (2016, p. 189), como já mencionado; e “eu posso escolher”, pensa a protagonista, “relembrando o Xaveste que retomaria palavra a palavra dali a alguns minutos justamente para esquecer todo o resto e mergulhar *no trabalho saboroso de traduzir* (2016, p. 179, grifos nossos).

Outra questão é a menção direta, por Beatriz, à invisibilidade da profissão, denunciada por Venuti (2008). “Ninguém vê um intérprete, são figuras invisíveis, sombras” (TEZZA, 2016, p. 156), diz a protagonista.

Em *A tradutora* há também ocorrências de multilinguismo. O português é a língua predominante, mas empregam-se também o espanhol, o inglês e o alemão no contexto das atividades de tradução e interpretação, em eventos culturais entre pessoas e sociedades, considerando a distância entre a cultura brasileira e alemã, em consonância com o que Delabastia e Grutman (2005) apresentam.

Por fim, cabe mencionar que Tezza inclui, nos Agradecimentos, o conhecido tradutor Caetano Galindo, que “com sua indispensável lista de observações” (TEZZA, 2016, p. 205) ajudou-o a entender melhor – e, talvez, a retratar – como se dá a atividade tradutória. Isso significa que a personagem ficcional é construída a partir do contato com um tradutor real, que, inclusive, além de tradutor literário, é professor e pesquisador da tradução.

2. A *Intérprete* de Annete Hess, em tradução brasileira de Ivo Korytowski

Annete Hess, escritora alemã, em seu romance *A intérprete* (2019) apresenta a protagonista Eva Bruhns, uma tradutora chamada para trabalhar como intérprete no julgamento de 21 oficiais da SS que atuaram no campo de Auschwitz. Ao longo dos julgamentos, Eva reflete sobre a Segunda Guerra Mundial, sobre sua família, seu papel na guerra e seu relacionamento com o noivo. A personagem não somente trabalha como intérprete, como também faz a tradução escrita de documentos do julgamento.

Ao longo da narrativa, são apresentados vários exemplos de aspectos operacionais da tradução e crenças implícitas sobre tradução e

interpretação e seus profissionais. A protagonista, na entrevista com o possível contratante, menciona aspectos relevantes para ela, como ser informada antecipadamente sobre o tipo de texto a traduzir ou o tema da reunião de que participará. A narradora do romance menciona questões passíveis de dificultar a tradução, como um dialeto rural, que causava certa dificuldade à tradutora (HESS, 2019, p. 23). Mais adiante, quando já é a intérprete do caso, Eva torna a mencionar essa sua dificuldade com o dialeto, assim como a complexidade de ser intérprete de alguém que fala muito rápido. A testemunha, diz ela, “respondeu em polonês. Falava rápido e parecia não fazer pausa para tomar fôlego. ‘Ainda bem que não fala em dialeto’” (p. 92).

O romance nos mostra o desenvolvimento profissional da protagonista. Eva trabalhava em uma agência de tradução e era especializada em questões econômicas, comerciais e processos de perdas e danos. No início da sua atuação no julgamento, acaba por traduzir algumas palavras de forma incorreta, tendo em vista a situação relatada. Inclusive, Eva não é tida como uma boa profissional, principalmente no início, quando sua competência para o trabalho é questionada: “Tem certeza de que a senhora entendeu direito?”, perguntou-lhe um de seus contratantes (HESS, 2019, p. 24). Ela se justifica e, mais adiante, pede desculpas: “Sinto muito, traduzi errado algumas palavras” (p. 24). “Inapta. Totalmente inapta!” (p. 25), é o juízo que fazem sobre ela. Contudo, depois que Eva se familiariza com o teor e contexto do julgamento, com sua temática e vocabulário específico, adquire mais segurança, como se pode ver na seguinte passagem: “[A testemunha] começou a falar num polonês claro, sem hesitar, sem ficar procurando palavras, e Eva foi traduzindo as frases

no mesmo ritmo, já sem a ajuda dos dicionários, encontrando os significados, fazendo as devidas pausas” (2019, p. 203).

Um exemplo de aspecto operacional retratado é a utilização de vários dicionários ao realizar as traduções. Quando é chamada para um novo trabalho, Eva leva dois dicionários, um geral e outro especializado, de termos de economia (HESS, 2019, p. 23), e faz muitas consultas sobre termos técnicos relativos aos julgamentos. Ela passa a ter acesso a alguns documentos referentes ao caso e os leva para casa, a fim de estudá-los previamente. A personagem também é retratada fazendo anotações durante a fala de algumas pessoas para depois traduzi-las (p. 93), como é ensinado nos cursos atuais de formação de intérpretes de conferência.

A descrição da entrevista de emprego de Eva (HESS, 2019, p. 23-25) permite inferir o modo como a tradução é percebida pelos personagens entrevistadores, que lhe pedem para traduzir oralmente a fala de um homem, sem apresentar nenhum contexto, do qual ela sente falta. Ainda na cena da entrevista, é mencionado explicitamente que a intérprete a ser contratada deverá assinar a tradução do depoimento assim que a tiver finalizado, procedimento não muito comum, já que muitas vezes os tradutores não são visíveis e tampouco assinam as suas traduções, como denuncia Venuti (2008). Inclusive Eva é instruída a não se sentar ao lado das testemunhas e, sim, na diagonal, mais afastada. Uma das testemunhas, o sr. Kral, nem reconhece a sua função até ser solicitado por Eva a fazer mais pausas em seu relato (HESS, 2019, p. 93).

Sobre requisitos valorizados e considerados necessários para um bom desempenho profissional, como ter formação específica, Eva é a única personagem tradutora ou intérprete nas quatro obras que integram o corpus do nosso estudo que menciona seu diploma de intérprete (HESS,

2019, p. 89). Porém, embora tenhamos informações sobre seu trabalho como intérprete e tradutora – a personagem menciona que das terças às sextas atuava como intérprete no julgamento, enquanto às segundas traduzia documentos escritos no Ministério Público (p. 114) –, o romance não esclarece se ela teve algum aprendizado formal de tradução.

Outra questão interessante observada neste romance diz respeito à imagem pública do intérprete. O outro profissional que deveria trabalhar no caso era um polonês que foi detido no aeroporto e impedido de trabalhar por ser considerado politicamente suspeito. Eva, por sua vez, apesar de ser muitas vezes desconsiderada e “invisível”, passa uma imagem diferente, mesmo sem intenção. Ela é uma mulher, alemã, branca e loira em um julgamento de oficiais alemães nazistas, julgados por sua conduta durante a guerra, sendo vista e considerada pelas pessoas presentes em seu local de trabalho de maneira bem distinta do que ocorreria com seu colega polonês.

A narrativa lida com questões de ética profissional e atitudes dos tradutores diante de situações de conflito, trauma ou estresse presentes nos pensamentos e atitudes de Eva. Ela reconhece sua responsabilidade como tradutora e reflete muito sobre como deveria agir e traduzir. Ela deve, no tribunal, fazer juramentos antes de começar a trabalhar. “Jurou que traduziria de forma fiel e meticulosa todos os documentos e depoimentos em língua polonesa que surgissem no processo. Não acrescentaria nem omitiria nada” (HESS, 2019, p. 87). Em outro ponto, é relatado como a personagem se sente apreensiva e com medo a respeito de alguns fatores: “ter que falar diante de tanta gente? A responsabilidade de encontrar a tradução correta? Não entender as testemunhas? Ou, ao contrário, entendê-las?” (p. 89). Esse trecho desperta reflexões sobre o nível de envolvimento –

esperado, recomendável ou indesejado – por parte dos intérpretes com a situação de interpretação.

Ao longo da história, a personagem percebe o papel que sua família teve na guerra. Após descobrir que seus pais trabalharam para o partido nazista em um campo de concentração, o assunto do julgamento fica cada vez mais pessoal para ela, o que gera conflitos com sua família e lhe recorda traumas de infância. Porém ela continua como tradutora, sem alterar suas atitudes profissionais, apesar de ficar abalada com a situação. Portanto, o envolvimento pessoal da personagem intérprete com o contexto da situação em que ela está trabalhando contraria a ideia de “neutralidade” que o mercado e o senso comum esperam desses profissionais.

Alguns aspectos dos estudos de Kaindl (2016) sobre representações ficcionais também podem ser identificados, a saber, a representação de tradutores como um símbolo, como alguém que lida com temas culturais, sociais e religiosos. Vemos Eva como alguém que possibilita a ocorrência do julgamento no qual a maior parte das testemunhas é estrangeira, prestando depoimentos longe de seu país de origem. Como Delabastita e Grutman (2005) relatam, o tradutor ocupa uma posição central, envolvendo um poder considerável na responsabilidade da comunicação multilíngue, no caso, a responsabilidade de possibilitar que os réus sejam propriamente julgados e as vítimas devidamente ouvidas. Podemos ver por que essa história, que apresenta um acontecimento histórico tão importante, teve uma intérprete como protagonista.

3. O tradutor

O longa-metragem *O tradutor*, dirigido por Sebastián Barriuso e Rodrigo Barriuso, gira em torno de Malin, um professor de literatura russa em Cuba

que, sem qualquer experiência prévia, é designado pelo governo, contra a sua vontade, para atuar na área da interpretação. Torna-se intérprete de pacientes russos afetados pela radiação do acidente nuclear de Chernobyl que vieram se tratar na ilha do Caribe, o que impacta seu estado psicológico, bem como sua relação com o trabalho e sua família. Durante o período em que Malin atua no hospital, vemos a situação de Cuba, onde a história se passa, alterar-se consideravelmente. É interessante observar que, embora o título da obra seja *O tradutor*, o trabalho principal do protagonista no hospital é o de intérprete. É perceptível logo pelo título que a confusão comum entre essas duas atividades distintas está presente no filme.

O filme relata as dificuldades de Malin para se ajustar à nova função, visto não ter familiaridade nem com as técnicas de interpretação, nem com o assunto das interações a serem traduzidas, com pacientes infantis afetados pela radiação de Chernobyl e suas respectivas famílias. Ao considerar sua carreira profissional, seu curso de graduação e ocupação como professor de literatura de uma língua estrangeira, no caso, literatura russa, e sua falta de treinamento e experiência tanto em tradução quanto em lidar com pacientes e com o ambiente hospitalar em geral, o protagonista não se sente apto ou minimamente preparado para o trabalho como intérprete que se vê obrigado a realizar. No entanto, contrariamente ao que se poderia esperar, Malin aparece no filme conseguindo traduzir oralmente até mesmo termos médicos que poderiam não ser tão claros para ele, considerando seu histórico anterior de professor de literatura. Ele não traduz, em nenhum momento, algum termo “incorretamente”. Fica então a pergunta: será que na vida real essa facilidade é a regra, se observadas as mesmas circunstâncias? Também chama a atenção no filme o fato de todos os docentes do departamento de literatura na universidade serem

realocados para trabalhar com tradução de documentos e como intérpretes, ou seja, eles foram considerados aptos para o trabalho unicamente por lecionar literatura russa e ter familiaridade com a língua. Essa é uma visão ainda muito comum sobre tradução: uma operação mecânica que pode ser (bem) desempenhada por qualquer indivíduo que conheça dois idiomas.

Após um momento inicial de hesitação, Malin assume as novas responsabilidades, apesar de seu despreparo técnico para exercê-las e também para lidar mental e emocionalmente com os pacientes infantis do hospital, o que acaba tendo consequências negativas em seu núcleo familiar. Ele é retratado como um bom profissional que excedeu expectativas e obrigações em seu trabalho, não somente interpretando como também interagindo com os pacientes e suas famílias, lendo histórias infantis para as crianças e realizando atividades lúdicas com elas para tornar o ambiente hospitalar um pouco mais agradável, considerando a situação precária de saúde das pessoas com quem ele interagia. Contudo, apesar de ter geralmente uma atitude profissional com relação aos pacientes, em algumas cenas em casa e também no hospital, em conversas com a enfermeira que o ajuda, vemos como seu estado mental foi afetado, devido tanto à convivência traumática com pacientes infantis graves, quanto ao fato de trabalhar no turno noturno, o que alterou a convivência com a família. Seu envolvimento pessoal, emocional e afetivo é exagerado, fugindo ao que o senso comum espera de um intérprete – de modo geral, neutralidade e distanciamento emocional. Outra atitude não prevista nesse campo profissional, mas tomada por Malin, é a sua visita ao pai de um jovem paciente que tinha acabado de falecer devido a uma falha na energia do hospital. Malin havia servido de intérprete para esse paciente, com quem criou uma relação de afeto ao longo do filme e pelo qual se sentia

responsável. Mesmo considerando seu empenho ao trabalhar no hospital, fica evidente o quanto seu breve trabalho como intérprete impactou negativamente sua vida pessoal e suas relações, devido ao estresse envolvido, ocasionando o que se denomina “trauma vicariante” – situação bem diferente da sua experiência como professor de literatura russa.

Em termos de situação financeira, a de Malin era confortável, mas depois que passa a atuar como tradutor, enfrenta inúmeras dificuldades, até mesmo para comprar comida, embora seja possível entender que isso decorria da condição de Cuba na época em que a história é ambientada. Da perspectiva da tradução, trata-se de uma coincidência infeliz, que contribui de certa forma para reforçar a imagem dos tradutores como profissionais mal remunerados e pouco valorizados.

Outro aspecto interessante é que, logo que assume a nova função, o protagonista afirma veementemente que não é um tradutor e que não é a pessoa ideal para aquela situação. Ele não tem controle sobre as condições e o local para o exercício da função e se sente desconfortável em seu novo ambiente profissional. Chega a faltar ao trabalho por dias, alegando estar doente. Porém, já no final do filme, após vivenciar todas as dificuldades particulares da atividade de mediação linguística que foi convocado a fazer, e de ser avisado de que seus serviços estavam dispensados porque iriam chegar novos tradutores, estes com a formação adequada, vemos que Malin expressa tristeza e desapontamento pelo fato de não poder mais ser intérprete daquelas crianças e de suas famílias.

Em uma das cenas finais, uma fala significativa é dita por um professor colega de Malin, igualmente convocado para ser intérprete. Ele diz que os “tradutores de verdade” chegaram, e que eles não são mais necessários. Ou seja, mesmo depois de seu envolvimento e atuação, esse

professor não se considerava um tradutor ou um intérprete. Malin, que expressamente gostaria de continuar seu trabalho, não respondeu a esse comentário, e o filme termina sem esclarecer se ele, mesmo sem formação ou treinamento adequado, passara a se considerar um tradutor ou um intérprete, além de professor.

4. *Como Nossos Pais*

Em *Como Nossos Pais*, filme dirigido por Laís Bodanzky, a narrativa segue a protagonista Rosa, uma tradutora que trabalha em um site para uma empresa de aço e traduz documentos empresariais. Rosa busca sucesso profissional e uma boa relação com as pessoas a sua volta, tanto da sua família, mãe, marido e filhos, quanto do seu ambiente profissional.

Dentre as quatro obras analisadas, é nesta que o trabalho com tradução tem menos destaque. Há poucas e curtas cenas de Rosa traduzindo, e são mostrados poucos aspectos operacionais da atividade tradutória e de interpretação que ela exerce. O próprio título é o único, dentre as obras, que não referencia a profissão dos respectivos protagonistas. Em uma conversa de Rosa com seu chefe, vemos um pouco da invisibilidade do tradutor retratada. A tradutora se queixa de não receber o devido crédito pelo que faz, além de ter um volume de trabalho grande, considerando que é a única tradutora da empresa. Como ela mesma menciona, seus colegas nem ao menos percebem que ela é tradutora, pois presumem que seja uma “carregadora de pastas”, uma funcionária que organiza e leva documentos da empresa de sala em sala.

É possível também, a partir do que a trama retrata, inferir crenças sobre tradutores e intérpretes e os requisitos considerados válidos para tais atividades. Rosa tem a oportunidade de trabalhar como intérprete,

oportunidade essa que surge de modo informal em um encontro com um conhecido em um supermercado. Não é explicitada nenhuma dificuldade ou questão referente à mudança do tipo de tradução, de escrita para oral, ou em relação ao tema específico da palestra em que ela deverá atuar como intérprete. Sabemos somente que se trata de uma palestra no campo da física, mas não é mostrado se ao menos Rosa pesquisou sobre o assunto, que se situa fora do seu campo de atuação; se buscou inteirar-se da terminologia específica da área; ou se teve acesso à fala do palestrante com antecedência, como costumam solicitar os intérpretes profissionais. Ou seja, a atividade do intérprete é mostrada como algo que não exige formação específica nem preparação prévia, um trabalho casual e informal, podendo ser facilmente desempenhado por uma tradutora sem experiência ou formação na área de interpretação de conferências, e sobre um assunto que aparentemente não domina. Esta é a mesma crença que fundamenta o senso comum sobre as atividades de tradução e interpretação, reforçada nos dias atuais pelo uso de aplicativos de tradução para computadores e smartphones, e recursos como o Google Tradutor.

Rosa, quando afetada por situações de estresse por conflitos familiares, chega atrasada em uma reunião empresarial na qual ela deveria levar um texto traduzido. Ela não somente se atrasa, como está vestida informalmente, de uma forma que seu chefe considera pouco profissional, e leva um documento errado para a reunião, uma peça de teatro de sua autoria, em vez de um relatório de projeto traduzido para o inglês. Nessa reunião, podemos ver o papel central do tradutor na comunicação multilíngue (DELABASTITA; GRUTMAN, 2008), pois quando o documento correto não é recuperado, a reunião acaba. Ela termina se demitindo em um momento de estresse, ao falar sobre o ocorrido com seu

chefe. Posteriormente vemos sua preocupação com a própria questão financeira.

Outro aspecto importante a ser considerado é que, ao longo do filme, vemos a mãe da personagem menosprezando a atividade profissional da filha, considerada por ela inferior. Ao mesmo tempo, a protagonista deixa claro que não está satisfeita com seu trabalho, ao se referir a ele como não “artístico”. Temos então, uma tradutora não somente insatisfeita, mas que também relata uma aspiração a se tornar escritora, autora de peças teatrais, assim como relatam as pesquisas de Ben-Ari (2010). Vemos mais cenas da personagem escrevendo do que traduzindo. Seu amigo até lhe pergunta se ela está escrevendo para um concurso ou para ela mesma. Um exemplo disso é a confusão que ela faz ao trocar os documentos que traduziu para seu trabalho com a peça que estava elaborando.

No decorrer da trama, vemos como a protagonista muda de atitude ao eliminar aspectos de sua vida que lhe causavam insatisfação e aparenta ter como objetivo ser mais lúdica e criativa. Ela decide, então, se separar do marido e ser menos rígida com as filhas. Junto com essas decisões, ela se demite de seu emprego como tradutora e mostra a peça que terminou de escrever para uma diretora. Ou seja, até o final vemos representada essa insatisfação com o trabalho da tradução e o desejo de escrever, como aponta Ben-Ari (2010). Na conclusão do filme, vemos Rosa abandonando a tradução e se tornando escritora, o que é mostrado como uma profissão mais livre, criativa e positiva em geral.

Considerações finais

O estudo que realizamos analisou quatro obras, dois romances e dois filmes de longa-metragem, todos apresentando tradutores/as ou intérpretes em papéis centrais. Buscamos examinar como, em cada narrativa, as características, atitudes e modos de trabalhar dos protagonistas retratados contribuem para criar imagens desses profissionais. Foram analisados vários aspectos, como por exemplo, o modo como a atividade tradutória é apresentada; o status profissional, social e econômico dos profissionais de tradução; sua autoimagem e imagem pública; e quais crenças sobre a tradução e/ou interpretação, bem como sobre seus profissionais, transparecem nas obras.

As reflexões já desenvolvidas na área dos Estudos da Tradução, especificamente sobre a teoria da invisibilidade, representações ficcionais de tradutores e intérpretes em obras literárias e artísticas, representações de multilinguismo e tradução, e sobre “a virada ficcional” informaram esta análise de como os profissionais de tradução/interpretação são retratados nas obras do corpus. De modo geral, ao analisar as narrativas foi possível não só perceber como as crenças que os criadores das obras analisadas mantêm sobre tradutores, intérpretes e seus processos se refletem na representação desses profissionais, como também avaliar em que medida elas espelham o senso comum, tal como descrito por teóricos como Arrojo (1992a e 1992b), e as reais características da área da tradução. Os dois tipos de tradução, oral e escrita, frequentemente são confundidos, e também retratados de forma ambivalente: por vezes como um trabalho complexo que envolve escolhas, e por vezes como um trabalho mecânico que não exige formação ou habilidades específicas. Apesar dessa oscilação, bastante contraditória, várias características que condizem com o trabalho real de

tradutores e intérpretes são apresentadas em situações que surgem no enredo das quatro obras.

Recapitulando o que foi apresentado na seção de análise dos dados, tendo em vista os aspectos que nos propusemos a examinar, é possível destacar os seguintes pontos:

a) três das quatro obras analisadas têm como pano de fundo situações históricas relevantes e incomuns, a saber: uma visita do comitê da FIFA durante os preparativos para a Copa do Mundo FIFA de 2014 que ocorreu no Brasil, país natal da protagonista; o recebimento em Cuba de pacientes que sofreram sequelas da radiação de acidente nuclear de Chernobyl; e o primeiro julgamento histórico de crimes cometidos por oficiais nazistas durante a Segunda Guerra Mundial. Nessas obras, temos protagonistas que apresentam o contexto de acontecimentos históricos reais a partir de suas perspectivas e que têm algum poder de interferir na situação, tal como Delabastita e Grutman (2005) indicam;

b) todos os quatro protagonistas atuaram em situações incomuns de trabalho, quase “por acaso”. Malin e Eva eram segundas opções; foram convocados por estarem disponíveis para o trabalho, não por terem o perfil ideal para desempenhá-lo. Rosa, que aparentemente trabalha apenas com tradução escrita, atua como intérprete em uma palestra de física, tema com o qual em nenhum momento o filme sugere que ela tenha familiaridade. E Beatriz recebe uma ligação inesperada para um trabalho que ela não procurou, mas foi convidada a desempenhar devido à indicação de uma pessoa com a qual ela até já tinha perdido contato;

c) no que se refere à formação profissional, somente no caso da personagem Eva Bruhns existe menção a um diploma de intérprete. As atividades de tradução e interpretação são, em todas as obras, tratadas sem

uma distinção clara. Em muitas situações ambas as atividades são referidas como tradução. Outra questão importante é que não somente há uma confusão em relação ao uso desses termos, como também nenhuma das obras mostra que são práticas diferentes, que exigem treinamentos e formações específicas. Ao contrário, todas elas sugerem que um profissional de tradução frequentemente trabalha como intérprete e vice-versa;

d) todos os protagonistas, considerando seus respectivos contextos, lutam com dificuldades financeiras, mencionando, por exemplo, estar precisando de dinheiro, ou o fato de não pertencer a uma classe social alta. Mesmo considerando os casos do filme *O tradutor*, no qual a situação financeira é decorrente da situação do país, e de Rosa em *Como nossos pais*, que acredita ter condições de se demitir de um emprego no qual não está feliz, é significativo que todos os quatro tradutores em algum momento revelam estar preocupados com suas respectivas situações financeiras. Vemos Beatriz, de *A tradutora* (2016), até mesmo atuando em outras áreas além da tradução e interpretação, como professora particular e revisora de textos;

e) outra questão relevante (e constante) é a insatisfação com o trabalho e o desejo de dois dos personagens analisados de serem escritores, o que remete a questões não só de autoria, mas também de algumas profissões e atividades serem consideradas de maior prestígio em relação a outras. A protagonista Rosa passa mais cenas escrevendo do que traduzindo, e no final já possui uma peça escrita. Beatriz, por sua vez, expressa sua vontade de escrever. Ela até mesmo é descrita por outros personagens como parecendo “uma menina escritora” (2016, p. 160) quando usa óculos;

f) para finalizar, consideramos muito positiva – por contribuir para um maior conhecimento do trabalho de tradução – a presença e a descrição de vários aspectos operacionais das atividades tradutória e de interpretação. Os romances *A tradutora* e *A intérprete*, por exemplo, destacam o uso de dicionários, gerais ou específicos, a formulação de estratégias para facilitar revisões e a preocupação com características do que será traduzido e com o contexto da situação em traduções orais.

Considerando a teoria da invisibilidade, que denuncia como os tradutores e a tradução são invisíveis e busca mudar tal estado de coisas, é possível resumir que, se por um lado podemos considerar prejudicial ou negativo o modo como os personagens tradutores/intérpretes são representados nas obras do corpus, por contribuírem para cristalizar uma imagem antiga da tradução a qual o respectivo campo disciplinar tem procurado combater, por outro, várias características referentes a esses profissionais criam uma representação positiva, como por exemplo, aspectos operacionais da tradução que condizem com a realidade desse trabalho e a noção de que a tradução não é uma atividade mecânica. Mas também vale acrescentar que o simples gesto de apresentar tradutores e intérpretes ocupando papéis centrais em obras literárias e fílmicas já contribui para torná-los – assim como o seu trabalho – um pouco mais visíveis na sociedade, devido ao grande alcance de público que tais produtos têm.

Referências

ARROJO, Rosemary. **Fictional Translators: Rethinking Translation Through Literature**. Routledge, 2017.

ARROJO, Rosemary. O ensino da tradução e seus limites: por uma abordagem menos ilusória. In: ____ (org.) **O signo desconstruído: implicações para a tradução, a leitura e o ensino**. Campinas, SP: Pontes, 1992a, p. 71-79.

ARROJO, Rosemary. Tradução. In: JOBIM, J. L. (org.). **Palavras da crítica**. Rio de Janeiro: Imago, 1992b, p. 411-442.

BEN-ARI, Nitsa. Representations of translators in popular culture. **Translation and Interpreting Studies**, The Journal of the American Translation and Interpreting Studies Association, v. 5, n. 2, 220-242, 2010.

BRASIL, Ubiratan. Em 'O Impostor', Edgard Telles Ribeiro cria um romance sobre perda, afeto e memória. **O Estado de S. Paulo** (online), 4 maio 2020. Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,em-o-impostor-edgard-telles-ribeiro-cria-umromance-sobre-perda-afeto-e-memoria,70003290991>. Acesso em: 12 ago 2021.

CRONIN, Michael. **Translation Goes to the Movies**. London: Routledge, 2009.

DELABASTITA, Dirk; GRUTMAN, Rainier. Introduction. In: ____ (eds.) **Fictional representations of multilingualism and translation**. Special Issue of **Linguistic Antverpiensia** New Series, n. 4, 11-34, 2005.

FURLAN, Mauri (2001) "Brevíssima história da teoria da tradução no Ocidente – I. Os romanos". **Cadernos de tradução** nº VIII, 11-28, 2001/2.

HEIDERMAN, W. Prefácio. In: ____ (org.). **Antologia Bilingue, Clássicos da teoria da tradução**. Vol. 1, alemão-português (pp. 9-14). Florianópolis: UFSC. 2001

HESS, A. **A Intérprete**. Trad. Ivo Korytowski. São Paulo: Arqueiro, 2019.

KAINDL, Klaus. Fictional Representations of Translators and Interpreters. In: ANGELELLI, Claudia; BAER, Brian James (Eds.). **Researching Translation and Interpreting**. New York: Routledge, 2016, p. 71-82.

KAINDL, Klaus; SPITZL, Karlheinz (eds.). **Transfiction: Research into the realities of translation fiction**. John Benjamins Publishing Company, 2014.

NEWMARK, Peter. **Approaches to Translation**. Oxford, UK: Pergamon Press, 1982.

TEZZA, Cristovão. **A Tradutora**. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2016.

VENUTI, Lawrence. **The Translator's Invisibility – A History of Translation**. 2nd edition. London/New York: Routledge, 2008. (edição original: 1995)

VENUTI, Lawrence. Introduction. In: _____ (ed.) **Rethinking Translation: Discourse, Subjectivity, Ideology**. London. Routledge, 1992.

Como Nossos Pais. Direção: Laís Bodanzky. Produção: Rodrigo Castellar, Caio Gullane, Ana Saito. Brasil: Globo Filmes, Gullane Filmes, Buriti Filmes, 2017.

O Tradutor. Direção: Sebastián Barriuso, Rodrigo Barriuso Produção: Sebastián Barriuso, Lindsay Gossling. Cuba: Creative Artisans Media, Involving Pictures, 2018.

Resumo

A proposta deste artigo foi reunir e analisar um corpus de dois livros e dois filmes que tenham tradutores e intérpretes como protagonistas, de modo a determinar as imagens da profissão que se formam a partir dessas representações. As obras foram analisadas à luz dos estudos sobre tradutores e intérpretes ficcionais desenvolvidos por Lawrence Venuti



(2008), Klaus Kaindl (2016), Michael Cronin (2009), Rosemary Arrojo (2018), Nitsa Ben-Ari (2010) e Dirk Delabastita e Rainer Grutman (2005). Embora a tradução, tanto a escrita como a oral, seja uma atividade milenar, seus praticantes permanecem, em grande parte, invisíveis socialmente e pouco valorizados. A presença de tradutores e intérpretes em filmes e livros, e também a forma como aparecem em ilustrações e fotos, sem dúvida contribui para torná-los um pouco mais visíveis e para construir ou reproduzir imagens públicas da profissão. Consideramos que essas representações ficcionais, embora subjetivas, interessam aos Estudos da Tradução na medida em que ajudam no entendimento teórico dos fenômenos tradutórios, assim como na avaliação de como a tradução e os tradutores se inserem na sociedade e por ela são percebidos.

Palavras-chave: Tradutores e intérpretes ficcionais; Invisibilidade; Virada ficcional

Abstract

The purpose of this article was to gather and analyze a corpus of two books and two films that have translators and interpreters as protagonists, in order to determine the images of their profession that such representations create. The analysis of the corpus was informed by research into translators and interpreters conducted by Lawrence Venuti (2008), Klaus Kaindl (2016), Michael Cronin (2009), Rosemary Arrojo (2018), Nitsa Ben-Ari (2010) e Dirk Delabastita e Rainer Grutman (2005). Although translation, both written and oral, is an ancient activity, to this day its practitioners remain largely invisible and undervalued in society. The presence of translators and interpreters in films and books, as well as the way they are portrayed

in illustrations and photos, undoubtedly contributes to making them a little more visible and to building or reproducing public images of their activity. We consider that such fictional representations, although subjective, are of interest to Translation Studies insofar as they help in the theoretical understanding of translation phenomena, as well as in the evaluation of how translation and its practitioners fit into society and are perceived by it.

Keywords: Fictional Translators and Interpreters; Invisibility; Fictional Turn.